

cerâmica nascido na América, afirma não haver dela notícia nas culturas européias (pág. 147); ensina que o adorno foi a maior preocupação dos Tupí e que nenhuma família indígena se aperfeiçoou mais na arte ornamental do que eles (pág. 177); nega aos Tapúia a "idéia da habitação", dizendo sumariamente que dormiam ao relento (pág. 179). E assim por diante.

O autor obteve com êste ensaio o Prêmio João Ribeiro (1951), da Academia Brasileira de Letras. Diante disto, o crítico se acanha na tentativa de apreciar a linguagem e o estilo da obra. Que o próprio leitor se queira pois, dar ao trabalho de submeter a rápida análise de estilo, e mesmo gramatical, a frases como esta: "Ainda em Mato Grosso vamos encontrar notícias da existência de uma outra família, os "Borôro" que Martius fez nas suas narrativas de viagem distinção na sua arte, de preferência aquela que diz respeito a pintura em cores variadas, e o ornato de penas então usado" (pág. 191). Contentemo-nos, porém, com êste exemplo.

O estudo científico da arte ameríndia se destaca dentre os assuntos capitais da nossa Arqueologia e Etnologia pela atenção cada vez maior que lhe vêm dispensando não somente os estudiosos, como o público em geral. À semelhança, entretanto, do que se dá com outros temas de investigação situados no terreno fronteiro entre a ciência e a arte, o seu tratamento, além de requerer qualidades específicas de inteligência e de sensibilidade, exige o domínio dos cânones de investigação científica e, sobretudo, muita cautela na apresentação de hipóteses pouco seguras. Do contrário, a leitura dos textos, em vez de ampliar os conhecimentos e de indicar novos rumos para pesquisas futuras, é antes prejudicial, pela confusão que necessariamente há de causar em espíritos menos prevenidos.

*Egon Schaden*

KARL HEINRICH OBERACKER JR.: *Der deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation*. 448 págs., com 16 pranchas. Distrib.: Herder Editôra Livraria Ltda. São Paulo, 1955.

Trata-se de uma obra de valor para o conhecimento científico do Brasil, uma das mais importantes que nos últimos anos se publicaram sobre a nossa formação histórica. É a primeira vez que um pesquisador capaz e bem informado se impõe a tarefa de fornecer um quadro bastante completo do papel que o elemento germânico desempenhou na constituição da nação brasileira. O que impressiona é, antes de mais nada, a extraordinária densidade do texto, cujo autor não se perde nunca em fraseado balofo ou menos consistente e que encerra, coordenada, uma infinidade de fatos que nunca haviam sido apresentados em conjunto. A historiografia brasileira conta, por certo, com poucos trabalhos que se lhe comparem na cópia de informes, laboriosamente colhidos em centenas de fontes em parte ignoradas ou pouco acessíveis.

Em vez de repetir pacatamente o costumeiro canto de louvor à colonização germânica nos Estados meridionais, Oberacker procede a um levantamento sistemático da contribuição dos alemães em todo o passado histórico da nação, situando-a no contexto geral dos acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais, e mostrando que ela se estende, sem solução de continuidade, desde a época do Descobrimento até os dias de hoje. A história geral do país serve-lhe, destarte, de moldura pa-

ra o tratamento do tema que desenvolve, de modo que, em conjunto, a contribuição germânica é encarada do ponto de vista brasileiro e não do alemão. Ao leitor superficial a posição assumida poderia, apesar de tudo, parecer a de uma História do Brasil "sub specie germanitatis", perigo contra o qual o próprio autor o adverte nas páginas finais.

O estudo de Oberacker se orienta todo êle por uma tese que lhe serve de pensamento unificador e que não deixará de suscitar discussão: a de que a contribuição alemã à formação brasileira, além de ser bem maior do que geralmente se pensa, serviu também, em muitos pontos, se não para corrigir, pelo menos para contrabalançar a uns tantos aspectos problemáticos ou mesmo negativos do sistema colonizador dos portugueses. Não se pode prever até que ponto essa tese logrará aprovação em nossos meios intelectuais. O certo é que, em sua fase atual, a apreciação histórico-cultural do elemento português, do indígena e do negro, bem como das correntes imigratórias européias e asiáticas destes últimos cento e cinqüenta anos, está longe de nos habilitar a um juízo por assim dizer definitivo. E não se acredite que um dia havemos de alcançar unanimidade a êste respeito, uma vez que no domínio dos problemas étnicos nem sempre prevalecem os argumentos de ordem racional.

Os historiadores brasileiros não aceitarão sem relutância tôdas as conclusões explícita ou implicitamente contidas no livro. Mas em todo caso não poderão ignorá-las. Basta a seriedade com que Oberacker expõe os seus pensamentos e especialmente a cópia de dados objetivos com que os apóia, para que ninguém, daqui para o futuro, tenha, por assim dizer, o direito de tratar dos mesmos assuntos sem tomar em consideração essa obra fundamental. Tem ela o mérito de proporcionar à historiografia brasileira novas perspectivas e de colocá-la diante de novos problemas. Sérgio Buarque de Holanda, que prefaciou o volume, compreendeu bem êste aspecto e acentuou-o de maneira clara e peremptória.

Trata-se, enfim, de um livro brasileiro. E' pena, por isso, que não tenha sido publicado em português, antes mesmo de se cogitar de uma edição em língua alemã. Em nossa opinião, a casa editôra que se propo-nha publicá-lo em vernáculo prestará um bom serviço à cultura nacional.

*Egon Schaden*

C. LÉVI-STRAUSS: *Tristes Tropiques*. 462 págs., com 53 ilustr. e um mapa e 62 fotogr. do autor fora do texto. Coleção "Terres Humaines". Librairie Plon. Paris, 1955.

O grande sociólogo francês dedica êste livro quase inteiramente às expedições exploradoras que, entre 1935 e 1938, realizou por grande parte do território brasileiro. Poucas páginas apenas são consagradas a uma viagem de estudos ao Paquistão e à Índia, feita por volta de 1950.

Não se trata de uma obra etnográfica em estilo tradicional. Não conhecêssemos o autor como sociólogo e etnólogo, as páginas de "Tristes Tropiques" nô-lo revelariam antes como filósofo da cultura e, sobretudo, como grande escritor. As observações do viajante não se enquadram numa descrição pluridimensional das culturas tribais estudadas, mas servem-lhe, ao contrário, como ponto de partida e às vêzes quase como pretexto para reflexões filosóficas sôbre a existência humana.